

37

---

**XIX International  
Rock Art Conference  
IFRAO 2015**

Symbols in the Landscape: Rock Art  
and its Context

---

Editores:

Hipólito Collado Giraldo

José Julio García Arranz

ARKEOS



## FICHA TÉCNICA

ARKEOS | perspectivas em diálogo, nº 37  
Propriedade: ITM – Instituto Terra e Memória  
Direcção: a Direcção do ITM  
Editores deste volume: Hipólito Collado Giraldo, José Julio García Arranz  
© 2015, ITM e autores  
Composição: Artes Gráficas Rejas (Mérida)  
Fotorreprodução, fotomontagem, impressão e acabamento: Artes Gráficas Rejas (Mérida)

### CONSELHO DE LEITORES (referees)

Abdulaye Camara (Senegal) | Carlo Peretto (Italy) | Fábio Vergara Cerqueira (Brazil)  
Luís Raposo (Portugal) | Marcel Otte (Belgium) | Maria de Jesus Sanches (Portugal)  
Maurizio Quagliuolo (Italy) | Nuno Bicho (Portugal) | Pablo Arias (Spain)  
Susana Oliveira Jorge (Portugal) | Vítor Oliveira Jorge (Portugal)

TIRAGEM: 750 exemplares | Depósito legal: 108 463 / 97  
ISSN: 0873-593X | ISBN: 978-84-9852-463-5

ARKEOS é uma série monográfica, com edição de pelo menos um volume por ano, editada pelo Instituto Terra e Memória, que visa a divulgação de trabalhos de investigação em curso ou finalizados, em Pré-História, Arqueologia e Gestão do Património. A recepção de originais é feita até 31 de Maio ou 30 de Novembro de cada ano, devendo os textos ser enviados em suporte digital, incluindo título, resumo e palavras-chave no idioma do texto do artigo, em inglês e em português. Os trabalhos deverão estar integrados na temática do volume em preparação e serão submetidos ao conselho de leitores. A aprovação ou rejeição de contribuições será comunicada no prazo de 90 dias.

Solicitamos permuta | On prie l'échange | Exchange wanted  
Tauschverkehr erwünscht | Sollicitiamo scambio

### CONTACTAR

ITM, Instituto Terra e Memória,  
Lg. dos Combatentes, 6120-750 Mação, Portugal

TOMAR, 2015

| ARKEOS 37 |

# | SYMBOLS IN THE LANDSCAPE: ROCK ART AND ITS CONTEXT |

| Actas del Congreso | Conference Proceedings | Actes de la Conférence | Actas de Conferência |

| Editores: Hipólito Collado Giraldo | José Julio García Arranz |



Volume editado com a colaboração da:



JUNTA DE EXTREMADURA



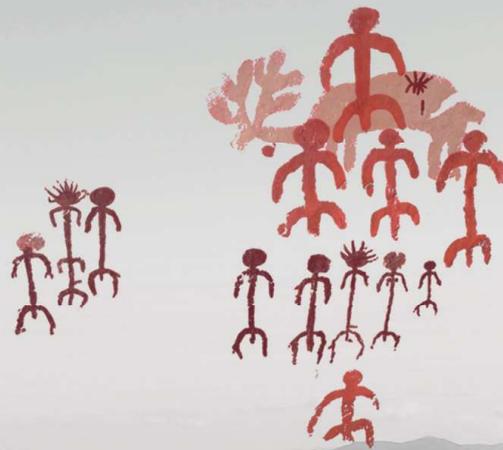
TOMAR | 2015



XIX INTERNATIONAL  
ROCK ART CONFERENCE

IFRAO 2015

CÁCERES (Extremadura, Spain)



SIGNS AND SYMBOLS. ROCK ART AND  
ARCHAEO-ANTHROPOLOGICAL RESEARCH

SIGNOS Y SÍMBOLOS. ARTE RUPESTRE E  
INVESTIGACIÓN ARQUEO-ANTROPOLÓGICA

(Dario Seglie, Enrico Comba, Luiz Oosterbeek and Hipólito Collado Giraldo, coords.)

# A arte esquemática da Serra de S. Mamede -contextos arqueológicos-

JORGE DE OLIVEIRA

**ABSTRACT:** We present in this paper the results of research conducted on the schematic rock art of S. Mamede Mountain, Portugal, under the ARA Project, from 2009 until 2012. The results of the surveys, digs and radiocarbon dates obtained are presented here. Summarily also we refer new shelters with rock art recently identified on the slopes of the Mountain of S.Mamede Spanish.

**KEYWORDS:** Schematic Rock Art, Serra de S. Mamede, Portugal.

## No início

Foi nos alvares do século XX que pela primeira vez foram noticiadas as manifestações artísticas pré-históricas da Serra de S. Mamede. Coube ao escultor espanhol Aurélio Cabrera y Gallardo, conjuntamente com Eduardo Hernández-Pacheco y Esteban, noticiar as pinturas rupestres do abrigo dos Gaivões, na Esperança. (Hernández-Pacheco 1916)

Após esta descoberta vários investigadores portugueses se referem à Serra de S.Mamede e à sua arte destacando-se, entre outros Vergílio Correia e Leite de Vasconcelos.

Um ano depois desta descoberta, em 1917, Henri Breuil procede ao primeiro levantamento e estudo interpretativo desta arte (Breuil 1917:17-26). Será este estudo Breuil que servirá directa ou indirectamente de suporte a todos os investigadores que, continuamente, ao longo do século XX se referiram a esta arte. Em meados do século XX vários investigadores desenvolvem várias mas curtas campanhas de prospecções na falda sul da serra identificando outros abrigos também com arte rupestre. Nomes como Albuquerque e Castro, Veiga Ferreira, Manuel Heleno, entre outros estão associados à descoberta dos abrigos dos Louções e Igreja dos Mouros, situados nas imediações do Abrigo dos Gaivões, o primeiro a ser identificado.

Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes, em 1973, encetam um projecto de investigação sobre os contextos arqueológicos de estações com arte rupestre. No âmbito deste projecto, em 1981, identificam mais um abrigo com pinturas, o Abrigo de Pinho Monteiro, na Serra do Cavaleiro, e um povoado no topo da crista da Serra dos Louções, onde se localiza o abrigo com os mesmos nomes. Aí recolhem alguns materiais arqueológicos, como fragmentos de cerâmicas, artefactos líticos e restos de fauna

(Gomes 1989:229). Pela tipologia de implantação do povoado e dos materiais recolhidos atribuem-lhes uma possível cronologia de Neolítico final / Calcolítico inicial. Enquanto decorriam as prospeções de Monteiro e Gomes, Manuel Inácio Pestana publica, em 1984, na Revista “a Cidade” de Portalegre um artigo chamando a si a responsabilidade da descoberta de um abrigo com pinturas situado na Serra da Cabaça ou do Cavaleiro, que mais não era o que Mário Varela Gomes e Pinho Monteiro viriam a dizer já ter identificado antes. Tratava-se daquele que viria, poucos anos mais tarde, a receber o nome de Abrigo Pinho Monteiro, perpetuando o nome do arqueólogo prematuramente falecido.

Assim, até ao início do nosso projeto de investigação eram conhecidos na Serra de S. Mamede quatro abrigos com pinturas, Gaivões, Pinho Monteiro, Louções e Igreja dos Mouros, na freguesia da Esperança e no concelho de Marvão o abrigo do Ninho do Bufo, descoberto acidentalmente, em 2003, por Margarida Ribeiro.

O desenvolvimento, desde Abril de 2009, do projecto ARA – Arte Rupestre de Arronches, por nós coordenado em colaboração com Clara Oliveira e apoiado pela Câmara Municipal de Arronches, Junta de Freguesia da Esperança, Junta de freguesia de Alegrete e com a colaboração dos colegas da Universidade da Extremadura (Espanha), do Laboratório Hércules (Universidade de Évora) e de alunos de Arqueologia da Universidade de Évora e Nova de Lisboa, tem vindo a permitir o estudo e levantamento global dos abrigos já conhecidos, a realização de prospeções sistemáticas, sobretudo das cristas quartzíticas, que já resultaram na identificação de novos abrigos com e sem pinturas e na abertura de sondagens arqueológicas no interior das grutas mais significativas e com potência estratigráfica.

Nesta comunicação, de uma forma sucinta, porque o espaço disponível é muito restrito, apresentaremos uma súmula dos trabalhos já desenvolvidos no âmbito deste projecto. Para além dos estudos desenvolvidos no concelho de Arronches alargámos a nossa intervenção ao vizinho concelho de Portalegre, especificamente à freguesia de Alegrete e à Penha de S. Paulo e às cristas quartzíticas da fronteira de Marvão onde, como veremos a seguir, se identificaram mais abrigos com pinturas esquemáticas.

Passaremos a descrever, sucintamente, os trabalhos realizados e os resultados obtidos durante a vigência do projecto em cada um dos sítios onde intervimos.

### **Abrigo dos Gaivões – Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches**

Neste abrigo as nossas ações iniciaram-se com o levantamento gráfico por decalque directo e fotográfico dos painéis a que se seguiu a abertura de 3 sondagens por entre as estruturas que se localizam em frente do abrigo pintado. As sondagens efetuadas possibilitaram-nos confirmar a existência de várias estruturas tendencialmente circulares de dimensões variadas, que seriam originalmente cobertas por matérias orgânicas e sustentadas por pilares de madeira. Um negativo estruturado de apoio de poste, vulgo buraco de poste, foi identificado no interior duma dessas estruturas durante os trabalhos de sondagem por nós efetuados. No espaço das sondagens foram apenas identificados dois pequenos cristais de quartzo hialino, um utiliza-

do como núcleo para extracção de lamelas e o outro com sinais de desgaste numa das arestas. Pelos escassos materiais identificados não foi possível estabelecer uma relação directa com o abrigo. Contudo, pelas dimensões destas estruturas, obtidas em pedra seca, poderemos levantar a hipótese de uma, a de maiores dimensões, ter servido para recolha de gado e a outra como cabana de pastor. Os dois materiais líticos recolhidos, ainda que sem qualquer certeza, poderão apontar para uma fase inicial do Neolítico.

### **Abrigo dos Louções, Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches**

Na área da Serra dos Louções, onde se localizam os abrigos dos Gaiões e Igreja dos Mouros, é também conhecido outro pequeno abrigo, homónimo à Serra. Trata-se de uma diáclase, onde podemos encontrar um conjunto de escalariformes, de ramiformes e um pectiniforme que cobrem praticamente todo o tecto do reduzido abrigo. Junto a esta exígua gruta, destaca-se de sobremaneira na paisagem, uma enorme formação quartzítica que reproduz, em silhueta, uma cara humana. Esta formação inspiradora, que se ergue a grande altitude, parece dominar a planície que se estende para sul. A proximidade desta escultura natural ao Abrigo dos Louções e ao povoado com o mesmo nome não terá passado despercebido às comunidades que na pré-história por aqui deambularam ou viveram. O decalque directo e indirecto dos painéis deste abrigo foi por nós realizado no Verão de 2010. Em frente a este abrigo desenvolve-se um curto átrio que, se escavado, poderá conter alguma informação relevante, já que a forte pendente do interior da diáclase não guarda qualquer depósito de terras. As pinturas existentes no teto deste abrigo apresentam uma interessante monotonia cromática, quando comparada com as variantes de tons laranja e vermelho que ocorre nos outros espaços. Apenas junto à entrada, eventualmente também devido à influência dos elementos, as pinturas apresentam-se com cores mais suaves. De notar ainda que o conjunto pictórico deste abrigo parece afastar-se da gramática mais recorrente nos outros que nas redondezas se localizam.

### **Abrigo Pinho Monteiro, Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches**

Em 1982, escavações arqueológicas efectuadas neste abrigo, sob a orientação de Mário Varela Gomes, foi identificado um forte muro junto à entrada do abrigo. Decorrente desses trabalhos M.V.G publicou um levantamento sumário dos decalques dos principais painéis deste abrigo como noticiou os materiais arqueológicos identificados em escavação (Gomes 1989).

Passados quase trinta anos sobre a primeira intervenção e apetrechados com novas tecnologias, solicitámos autorização para procedermos a outra pequena sondagem de 1,5 x 1 metro numa parte da área deixada como testemunho por M.V.G. Paralelamente, procedemos ao levantamento integral de todos os painéis pintados e à sua localização em planta.

Do decalque directo e levantamento fotográfico das pinturas resultou a identificação de inúmeras e muito diversificadas formas antropomórficas,

a presença também de pontos, linhas e barras digitadas sendo, contudo, significativa a presença central, num dos painéis do tecto, de um pequeno soliforme.

Durante a sondagem, identificámos, quase junto à rocha, um conjunto de artefactos líticos lascados, sobre sílex e quartzo hialino, que se inscrevem no contexto das indústrias microlíticas, enquadráveis em horizontes epipaleolíticos ou mesolíticos. A ausência de cerâmicas e as datas de radiocarbono posteriormente obtidas confirmam o posicionamento cultural dos materiais. Haverá que referir que algumas das peças foram recolhidas durante a fase de limpeza e acerto dos cortes antigos, impossibilitando a sua inserção em contextos estratigráficos seguros.

A amostra APM2, obtida numa mancha de carvões e cinzas a cerca de 40 cm da superfície, forneceu a data histórica de 960 +/- 40 BP.

Convém referir e realçar que as datas obtidas se reportam a momentos de ocupação do abrigo e que não nos permitem estabelecer, aparentemente, uma relação direta com as pinturas existentes. Se até ao presente praticamente todos os investigadores que sobre estes abrigos se têm debruçado concordam em balizar culturalmente a arte que decora o teto entre o Neolítico final e a Idade do Bronze, isto é, entre meados do IV e o II milénio, as datas agora obtidas remontam a fases muito mais antigas. Contudo, e sem qualquer certeza, é-nos legítimo perguntar se entre as expressões artísticas conhecidas do paleolítico superior e a denominada arte esquemática das comunidades agro-pastoris e metalúrgicas o homem perdeu a capacidade de pintar nas paredes dos abrigos? Seguramente que não. Terão, assim, estas datações, tão antigas, alguma relação com a arte registada no teto deste abrigo? Só com o desenvolvimento de mais trabalhos de investigação e datação direta de alguma pintura nos poderemos vir a responder a esta e outras questões. Para já não quisemos alargar a área de escavação para preservação de testemunhos intactos para futuras investigações com tecnologia mais desenvolvida.

### **Abrigo da Igreja dos Mouros, Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches**

Este abrigo, situa-se na base da crista quartzítica da Serra de S. Mamede, na freguesia de Esperança, concelho de Arronches e foi divulgado pela primeira vez em 1960, por Luís de Albuquerque e Castro e Octávio de Veiga Ferreira, que no seu interior identificaram arte esquemática pintada. Alguns metros mais acima desta gruta, encontra-se o Abrigo 1 dos Louçães e no topo da linha de cumeada o povoado pré e proto-histórico com o mesmo nome. No interior do abrigo abrimos duas pequenas sondagens, ambas sob painéis pintados, uma na zona mais profunda e outra junto à entrada. Outra sondagem do exterior do abrigo foi definida pela presença de alguns blocos de pedra que levemente emergiam da terra e que pareciam ter alguma organização. A sondagem no fundo abrigo, que denominámos por Quadrado E3 evidenciou uma potência de solo que chegou aos 35cm na zona mais profunda. Foi possível reconhecer três níveis em sobreposição. O primeiro, com cerca de 15cm, apresentava uma terra mais solta, de cor castanho claro, onde ocorriam materiais recentes. Sob esta camada de terra

entrou-se noutra mais compacta de cor mais clara onde apenas ocorreram dois fragmentos de quartzito sem vestígios de trabalho humano. Ultrapassado este segundo nível que atingiu junto à parede da gruta cerca de 15cms, entrou-se numa última unidade, ainda mais compacta, de terra avermelhada, onde se identificaram pequenas porções de carvão, que foram recolhidas e submetidas a datação e pequenas concentrações de pasta de cor laranja, idêntica às das pinturas parietais e também de cor branca, provavelmente da mesma matéria que serviu para a pintura a branco que se situa na parede mais recôndita do abrigo, sobre a popularmente denominada mesa de altar. À entrada do abrigo abriu-se outra sondagem que estrategicamente procurou compreender a face interior duma estrutura de pedra seca que se registava logo à superfície e que parecia estrangular a entrada da gruta, gerando maior protecção a quem nela se resguardasse. Junto à parede da gruta, logo à entrada, reconhece-se a presença duma lareira estruturada, com claros sinais de contínua utilização até aos nossos dias. Nesta sondagem, para além do nível de lareira superficial, anteriormente descrito, identificámos ao seu redor uma camada de terra solta, de cor castanho claro, com presença de alguma manta morta e fragmentes de quartzito de pequena dimensão. Este nível não ultrapassa, ainda que de forma irregular, os 12cms. Sob esta unidade entra-se uma camada compacta de terra castanha ainda mais clara, com presença de alguns blocos de quartzito de maior dimensão, aparentemente resultantes de vários derrubes do muro que secciona a entrada da gruta. Nesta camada, a cerca de 16cms da superfície, na face interior do muro, identificou-se um elemento de mó (moven-te) em granito e por entre as raízes do zambujo duas pontas de seta em xisto de base côncava. Nesta unidade, à mesma cota das pontas de seta, registaram-se dois fragmentos de prato de bordo espessado e alguns fragmentos de recipientes cerâmicos de forma esférica. Este nível manteve-se até atingir uma profundidade máxima de 35cms, entrando-se, então, noutra camada de terra muito compacta de cor alaranjada que de uma forma irregular revestia a rocha, atingindo uma espessura máxima entre os 10 e os 15cms. Nesta última unidade não se registou qualquer artefacto. Na plataforma exterior do abrigo abriu-se outra curta sondagem que configura o quadrado D9. Aí percebia-se pelo aflorar de alguns blocos de quartzito que uma qualquer estrutura estaria aí aterrada. Face ao reduzido orçamento disponível optámos por abrir apenas um quadrado de 1x1 metros que poderia coincidir com a face interior desse provável muro. Logo que se iniciou a decapagem apercebemo-nos que, de facto, aí existia uma estrutura de pedra seca que parecia definir um arco de círculo, fechando para o lado do abrigo. Nesta sondagem foi possível reconhecer três unidades estratigráficas. A camada superficial de terras claras é abundante em matéria orgânica resultante da manta morta aí existente. Sob esta camada, na face interna do muro, que corresponde à unidade 2, reconheceu-se um nível compacto de terra castanha onde eram visíveis várias pedras resultantes de derrubes do muro e sob os quais se recolheram alguns carvões que foram submetidos a datação. Carvões recolhidos no quadrado E3, situado junto à “pedra de altar” e sob um dos painéis pintados, associados a pequenas concentrações de pasta de cor alaranjada e também branca, semelhantes às cores utilizadas nas pinturas parietais forneceram a seguinte idade: Beta – 336388: 4320 +/- 30BP, que calibrada a 2 sigmas resulta na data: Cal BC 3080 a

3060. Esta data parece estar em linha, quer com os materiais atribuídos aos inícios do calcolítico identificados nos quadrados E5, E6 e D6, quer com as cronologias normalmente consideradas nesta região para a arte esquemática. A outra amostra de carvões submetidos a datação foi recolhida na sondagem aberta em frente do abrigo (D9), no interior do que parece ser uma estrutura em arco de círculo. Esta amostra forneceu a seguinte idade: Beta – 336387: 920 +/- 30 BP, que calibrada a 2 sigmas resulta numa data no intervalo de: Cal AD 1020 a 1160. A arte presente neste abrigo, sintomaticamente denominado por Igreja dos Mouros, apenas está presente na parede sul e no extremo mais profundo da gruta. Provavelmente por ser a mais vertical e com superfícies mais regulares a parede sul do abrigo foi a eleita para conter a quase totalidade das expressões gráficas. Aqui ocorrem as pinturas esquemáticas de cor laranja e a única escultura até hoje reconhecida nesta região. Para além da arte expressa nesta parede, identificámos a única pintura a branco conhecida no extremo sul da Serra de S. Mamede plasmada numa estreita mas simbolicamente posicionada superfície que se sobrepõe à denominada pedra de altar na zona mais reservada do abrigo. Neste abrigo, a partir duma fractura natural da rocha foi esculpida uma figura que, pelas dimensões e posicionamento, parece representar uma cabeça e ombros humanos. Esta figura antropomórfica ao enquadrar-se nos painéis pintados parece ser contemporânea da restante arte conhecida no interior deste espaço.

### **Outros abrigos na Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches**

As manifestações pictóricas rupestres na freguesia da Esperança distribuem-se também por outros pequenos abrigos ou lapas. Assim, em pequenas palas, que facultam algumas condições de protecção, são visíveis sinais de pintura, maioritariamente a vermelho claro. Entre outros, haverá que destacar os diversos abrigos do Outeiro das Lapas, Pego do Inferno, Pedra Torta, Louções 2, Ti Raposa, Brita Ossos e Serra da Cabaça.

### **Gruta da Sr.<sup>a</sup> da Lapa, Freguesia de Alegrete, Concelho de Portalegre**

Embora, até ao momento, a maior densidade de testemunhos de arte rupestre pintada de tipo esquemático na Serra de S. Mamede se concentre na freguesia da Esperança, outras áreas começam, de igual forma, a revelar as manifestações de arte rupestre como um fenómeno possivelmente alargado e presente em todo o contexto quartzítico da área da Serra de S. Mamede.

Ainda na sequência do projecto ARA, mas já dentro do concelho de Portalegre, na freguesia de Alegrete, ao visitarmos a interessante ermida de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Lapa, junto a Besteiros, fomos alertados para uma estreita e baixa passagem, considerada secreta, que se abre sob o altar. Esta ermida encontra-se incrustada numa formação quartzítica virada a Espanha. Depois de se ultrapassar uma pequena galeria sob o altar deparamo-nos com uma gruta com cerca de 4 metros de comprimento e de 5 metros de largura, e uma altura máxima de três metros. No chão da gruta revelam-se dois

níveis, um sensivelmente à mesma cota do piso do altar da igreja e outro, mais para o interior da formação natural, sessenta centímetros mais baixo. Separam estes dois pisos um muro que corre transversalmente à gruta, paralelo ao altar da ermida. Nesta parede denota-se um ressalto para o interior da gruta, parecendo corresponder esta saliência à memória de um outro altar mais antigo. No tecto o abrigo natural, ainda que parcial e intencionalmente cobertas por cal são visíveis diversas pinturas onde se destacam digitados e alguns antropomorfos, muito esquemáticos, de par com pinturas recentes, mas com a mesma coloração.

Embora sem grande diversidade de tipologias pictóricas, pois a maioria de representações observáveis são sequências de conjuntos de barras, é possível que sob a capa de cal branca tenham sido sonogadas figurações “menos católicas” que a edificação da antiga ermida da Senhora da Lapa tentasse “exorcizar”, pela construção do altar-mor no lado Poente, exactamente encaixado no abrigo que se abre na crista quartzítica, onde se localizam as pinturas.

Da sondagem realizada no interior deste abrigo apenas recuperámos fragmentos de estuque decorados com técnica de esgrafito, talvez pertencentes à anterior ermida, da qual ainda restam partes de um muro conservado no interior do abrigo.

#### **Abrigo da Sr<sup>a</sup>. da Penha, Freguesia de S. Lourenço, concelho de Portalegre**

Recentemente, na Serra da Penha, mesmo em frente a Portalegre, tendo como objectivo avaliar a potencialidade da gruta da Cova da Moura, localizada na encosta nascente desta formação, junto às ruínas da Ermida de S. Paulo, ao prospectarmos a escarpa sudoeste, foi possível identificar mais pinturas nas paredes de um pequeno abrigo. Esta lapa inscreve-se no espaço do que parece ser um *habitat* fortificado que coroa a parte mais elevada da Penha de S. Paulo, também conhecida por Serra da Penha. Neste sítio, embora não tenha sido possível identificar artefactos que permitissem uma correcta datação, para além da estrutura defensiva, destaca-se na parte mais elevada uma pequena plataforma intencionalmente regularizada à qual se tem acesso por degraus rasgados na rocha, fazendo lembrar alguns santuários proto-históricos.

#### **Abrigo do Ninho do Bufo, Freguesia de St<sup>a</sup>. Maria, Concelho de Marvão**

No concelho de Marvão, em 2003, Margarida Ribeiro identificou o Abrigo do Ninho do Bufo, nas Penhas da Esparoeira, em Porto-Roque, junto à fronteira com Espanha. Neste abrigo procedemos à elaboração de uma planta sumária e ao decalque directo e indirecto dos diversos painéis. Deste conjunto de pinturas é de destacar a presença de um antropomorfo pintado a branco, e de vários outros antropomorfos, justapostos mas pintados a ver-

melho. Nos vários painéis predominam os pontos e barras digitados pintados a vermelho bastante vivo, comparativamente com as tonalidades das pinturas reconhecidas na freguesia da Esperança. No topo da parede quartzítica onde se encontram estas pinturas abrem-se dois orifícios, de forma redonda muito regular, que dão nome à formação – Ninho do Bufo e onde estas aves normalmente nidificam. Na parte mais elevada da portela onde se encontra o abrigo com pinturas é visível uma plataforma artificial, estabilizada por muros, que parece corresponder a um provável *habitat*.

### **Outros abrigos com pinturas rupestres na Serra de S. Mamede**

Na escarpa quartzítica que sustenta a fortificação de Marvão, na face exposta a Sul, a escassos metros da muralha, em frente à Igreja de S. Tiago, em espaço com pouca pendente e localmente conhecido por Relvinha, numa superfície vertical, são visíveis ténues vestígios de linhas e serpenti-formes e o que, aparentemente, parece ser um antropomorfo todos pintados a cor vermelha. Em cota inferior, na base da crista quartzítica, quase na mesma direcção das pinturas anteriormente descritas, abre-se um estreito abrigo muito envolto em silvas, onde Juan Carlos Jimenez identificou um conjunto de traços pintados a negro e vermelho. Nas várias cristas quartzíticas, envolventes de Valência de Alcântara, e nas imediações do Ninho do Bufo, são visíveis outros abrigos também com pinturas. Estes abrigos foram identificados por Juan Carlos Jimenez, de Valência de Alcântara e possuem importantes conjuntos pictóricos. Destes abrigos, dois distribuem-se na mesma crista quartzítica do Ninho do Bufo, que são os Puerto Roque 1 e 2, já do lado espanhol. Os outros abrem-se em diáclases quartzíticas mais para noroeste. Conhecem-se dois abrigos na Serra de Santa Catalina, outros quatro na crista de Millaron, também com pinturas e na crista de Vihuela abre-se outro abrigo pintado. Mais para norte, na Serra da Peña Jurada (Penha Furada), mais dois abrigos, muito interessantes geologicamente, apresentam, igualmente painéis com pintura esquemática. Juntam-se estes novos abrigos pintados ao já estudado pela equipa da Universidade de Alcalá de Henares, vulgarmente denominado por El Buraco, em Santiago de Alcântara.

### **As datações absolutas**

No decurso dos trabalhos desenvolvidos no Abrigo da Igreja dos Mouros foi possível recolher várias amostras de carvões das quais duas foram submetidas a datação. Carvões recolhidos no quadrado E3, situado junto à “pedra de altar” e sob um dos painéis pintados, associados a pequenas concentrações de pasta de cor alaranjada e também branca, semelhantes às cores utilizadas nas pinturas parietais forneceram a seguinte idade: Beta – 336388: 4320 +/- 30BP, que calibrada a 2 sigmas resulta na data: Cal BC 3080 a 3060. Esta data parece estar em linha, quer com os materiais atribuídos aos inícios do calcolítico identificados nos quadrados E5, E6 e D6, quer com as cronologias normalmente consideradas nesta região para a arte esquemática. A outra amostra de carvões submetidos a datação foi recolhida

na sondagem aberta em frente do abrigo (D9), no interior do que parece ser uma estrutura em arco de círculo. Esta amostra forneceu a seguinte idade: Beta – 336387: 920 +/- 30 BP, que calibrada a 2 sigmas resulta numa data no intervalo de: Cal AD 1020 a 1160. Esta data medieval encontra paralelo com a obtida para o nível superficial de carvões recolhidos no interior do Abrigo Pinho Monteiro que resultou na seguinte idade: Beta – 296435: 920 +/- 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resulta numa data no intervalo de: Cal AD 1010 a 1170. Esta interessantíssima concordância de datas para abrigos afastados entre si cerca de 4 kms é ainda mais relevante quando verificamos que a denominada Reconquista Cristã desta zona do Alentejo, pelos homens de Afonso Henriques, terá ocorrido entre 1160 e 1170. Parece assim que a instabilidade que as manobras militares de cristãos e muçulmanos provocavam, especialmente nos núcleos urbanos, levaram alguns a procurar refúgio entre os abrigos naturais existentes na zona, ocupando espaços que milhares de anos antes outros também procuraram. Se para as datas históricas temos concordância entre os dois abrigos por nós escavados, já para épocas mais recuadas tal não se verifica. Observámos que na Igreja do Mouros a data pré-histórica obtida está em concordância com a idade e horizonte culturais atribuídos à Arte Esquemática e aos materiais exumados neste abrigo; contudo afasta-se em muitos milénios, das datas e igualmente dos conjuntos artefactuais identificados no Abrigo Pinho Monteiro, a escassos 4 kms de distância. No Abrigo Pinho Monteiro as duas amostras recolhidas remetem-nos para duas ocupações distintas, uma conotada com momentos dos finais do Paleolítico: Beta 296433: 9640 +/-50BP, que calibrada a 2 sigmas resulta em: Cal BC 9250 a 9100 e outra mesolítica: Beta 296434: 8390 +/- 40BP, que calibrada a 2 sigmas resulta em: Cal BC 7570 a 7460. Parece, assim, que no Abrigo Pinho Monteiro, desde, pelo menos, os finais da última glaciação o homem acendeu aqui fogueiras e, já no Mesolítico, voltou a ocupar o lugar voltando a fazer lume e onde talhou sílex e quartzos junto à entrada do abrigo. Mais tarde, já pelos finais do Neolítico e durante o Calcolítico, ou mesmo já a entrar na Idade do Bronze, o abrigo Pinho Monteiro voltou

LAB, REF e SÍTIO	Tipo de Amostra	Contexto	Data Convencional BP	Data cal. BC (2 $\sigma$ )
Beta – 336388 ABRIGO IGREJA DOS MOUROS	Carvões	Carvões associados a concentrações de pasta de cor laranja e branca, sob painel com pinturas.	4320 +/- 30BP	Cal BC 3080 a 3060
Beta – 336387 ABRIGO IGREJA DOS MOUROS	Carvões	Carvões associados a estrutura semicircular no exterior do abrigo.	920 +/- 30 BP	Cal AD 1020 a 1160
Beta – 296433 ABRIGO PINHO MONTEIRO	Carvões	Amostra APM1, sobre a rocha no interior da gruta.	9640 +/- 50 BP	Cal BC 9250 a 9100
Beta – 296434 ABRIGO PINHO MONTEIRO	Carvões	Amostra APM3, junto à parede da gruta sobre a rocha	8390 +/- 40 BP	Cal BC 7570 a 7460
Beta – 296435 ABRIGO PINHO MONTEIRO	Carvões	Amostra APM2, nível de carvões a 15 cm da superfície interior do abrigo.	960 +/- 40 BP	Cal AD 1010 a 1170

a ser ocupado e alguns dos seus utentes para além de erguerem um muro à entrada do abrigo, conforme interpretação de Mário Varela Gomes (1989) (Gomes 1989:6) pintaram profusamente o tecto mantendo a temática esquemática e cores que variam entre o vermelho e o laranja.

### **Em conclusão**

O levantamento da arte rupestre esquemática da Serra de S. Mamede inscreve-se num estudo mais amplo, anteriormente iniciado, que visava a compreensão da dispersão megalítica no Alentejo norte. Cedo nos apercebemos que a crista quartzítica da Serra de S. Mamede coincidia com o limite da mancha megalítica e que nessa linha se inscreviam, pelo menos no concelho de Arronches, os principais abrigos com arte esquemática. Constatava-se, igualmente, que a curta distância do Abrigo Pinho Monteiro se localizavam os dois dólmenes da Nave Fria. Se considerarmos que numa perspectiva de cronologia ampla a arte rupestre esquemática pintada se estende desde o Neolítico até aos inícios da metalurgia e que as principais manifestações megalíticas apresentam uma duração idêntica, então importava estudar, em paralelo, estas duas realidades que, tanto nesta região como noutras que agora se investigam, como o demonstram os trabalhos desenvolvidos por Primitiva Bueno, Rodrigo Balbin e sua equipa na zona do Tejo, parecem inscrever-se no mesmo horizonte cultural e corresponder às mesmas comunidades. Depois de quase duas dezenas de anos a inventariar e estudar antas e menires nesta zona do Alentejo importava avaliar se apenas as formações quartzíticas da Freguesia da Esperança possuíam arte rupestre esquemática, ou se ela se mantinha ao longo da Serra de S. Mamede, continuando a limitar para norte a mancha megalítica. Os trabalhos agora em curso têm vindo a confirmar a nossa já antiga suspeição. Na verdade os novos abrigos agora identificados tanto em Portalegre, Marvão ou Valência de Alcântara mantêm a mesma relação espacial com os monumentos funerários megalíticos das respectivas zonas. Os abrigos pintados recentemente localizados em Valência de Alcântara inscrevem-se na área dos mais de cinquenta dólmenes já conhecidos nessa região. Interessante também se torna a estreita relação espacial do abrigo com pinturas rupestres da Serra da Penha, em Portalegre, com as antas conhecidas na zona dos Fortios, ou com a de João Martins, junto à estrada de Castelo de Vide. Por outro lado importa realçar a presença constante de povoados de altitude, geralmente a coroar o topo das colinas onde se identificaram os abrigos com pinturas. Estes *habitats*, ainda que não convenientemente estudados, apontam para cronologias mais tardias, contemporâneas da fase final do megalitismo, podendo, eventualmente, sobrepor-se a ocupações mais antigas. A presença destes povoados está documentada em Louções, povoado sobranceiro a três abrigos na zona da Esperança, no Povoado da Lamparona, no topo da serra onde se localiza a Gruta da Sr<sup>a</sup>. da Lapa, no *habitat* fortificado e eventual santuário da Serra da Penha, em Portalegre e no eventual *habitat* sobranceiro ao Ninho do Bufo, em Marvão. Não muito distante da Gruta do Pego do Inferno e das pinturas da Pedra Torta, na Esperança, deverá existir um povoado, atendendo à presença de um grande elemento de mó de vaivém, transportado em época indeterminada para jun-

to a uma pequena casa de campo. Perante estes factos tudo parece indicar uma forte relação entre o limite da mancha megalítica com os abrigos com pinturas esquemáticas das cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede. Interessante se torna também a relação espacial com os *habitats* de altitude sobrepostos aos abrigos com pinturas. Importa agora avaliar a presença de mais abrigos pintados, sobretudo em zonas menos prospectadas como o corredor quartzítico Marvão – Castelo de Vide – Nisa, até às Portas de Ródão. Paralelamente aos trabalhos de escavação, prospecção e levantamento gráfico e fotográfico da arte rupestre, com a colaboração do Departamento de Física Nuclear da Universidade da Extremadura (Espanha) procedemos ao estudo da composição química dos componentes pictóricos, através de EDXRF, *in situ*. Este estudo desenvolvido com Maria José Nuevo e Alexandre Martin-Sanches cujos resultados também neste congresso apresentamos permite-nos conhecer quais os pigmentos base que servem de suporte para as pinturas existentes na zona sul da Serra de S. Mamede. As datações acima apresentadas e obtidas das amostras recolhidas no Abrigo Pinho Monteiro fazem recuar a ocupação daquele abrigo pelo menos aos finais do Paleolítico, com ocupação mesolítica expressamente datada. No que à temática da arte rupestre diz respeito e respeitando o limite de páginas imposto, apenas poderemos aqui referir que é evidente uma grande diversidade de tipologias e temas pictóricos, todos enquadráveis no horizonte artístico esquemático pós-glaciar, quase exclusivamente identificáveis em contexto de abrigo natural aberto nas dominantes cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede. A figura humana tem um claro predomínio nas temáticas representadas, detendo em alguns casos a quase exclusividade de representação. A temática zoomórfica é muito reduzida, quase se limitando à que está presente em alguns dos painéis do abrigo dos Gaivões. Muitos elementos esquematizados como pontos, barras, linhas são quase sempre uma constante estando em convivência com antropomorfos mais figurativos. De notar que atendendo à orientação do complexo geológico de toda a cordilheira da Serra de S. Mamede ser Noroeste-Sudeste, significou que os abrigos localizados nas encostas voltadas a Sudoeste e, portanto, abertos à maior exposição solar, fossem os preferidos para a pintura por parte das comunidades pré-históricas. Dos quatro abrigos com pinturas conhecidos no início do Projecto Ara, em 2009, conhecem-se hoje mais de trinta locais com presença de pinturas esquemáticas dispersos pela Serra de S. Mamede. Para dar continuidade a este estudo importaria alargar os trabalhos de prospecção às restantes cristas quartzíticas da serra e seus contrafortes, especialmente nas formações do concelho de Castelo de Vide, Nisa e no Termo Municipal de Valência de Alcântara.

## BIBLIOGRAFIA

- Breuil, Henri  
1917 La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, prés de Arronches (Portalegre). *Terra Portuguesa*, 13-14: 17-26.
- Castro, Luís de Albuquerque, e Octávio da Veiga Ferreira  
1960-61 As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções, *Conímbriga*, II-III: 203-229.

- Collado Giraldo, Hipólito, e José Julio García Arranz  
2006 *El Risco de San Blas, Alburquerque, Guías Arqueológicas de Extremadura*, nº 6, Consejería de Cultura, Badajoz.
- Correia, Virgílio  
1916 Pinturas Rupestres da Sra da Esperança (Arronches). *Terra Portuguesa*, 5: 158.
- Ferreira, Octávio da Veiga  
1965 Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança). *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 9: 275-277.
- Gomes, Mário Varela  
1985 Abrigo de Pinho Monteiro – 1982, *Informação Arqueológica*, nº 5, IPPC – Departamento de Arqueologia.  
1989 Arte Rupestre e contexto Arqueológico. *Almansor Revista de Cultura*, 7: 225-247.
- Hernández-Pacheco y Esteban, Eduardo  
1916 Pinturas Prehistóricas y dólmenes de la Région de Albuquerque según Datos y Dibujos de Aurélio Cabrera. *Boletín de la Real Sociedad Española de História Natural*, vol. XVI
- Hernández-Pacheco y Esteban, Eduardo, y Aurelio Cabrera  
1916 Pinturas Prehistóricas y dólmenes de la Región de Albuquerque (Extremadura). *Boletín de la Real Sociedad Española de História Natural*, Tomo XVI, nota nº 8. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Madrid.
- Moitas, Emílio, Jorge Oliveira, e Clara Oliveira  
2011 Megalitismo no Concelho de Arronches. En *Actas do III Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Fronteira.  
Nuevo, M. J., Martín Sanchez, Clara Oliveira y Jorge Oliveira  
2010, In situ energy dispersive X-ray fluorescence analysis of rock art pigments from the ‘Abrigo dos Gaivões’ and ‘Igreja dos Mouros’ caves (Portugal), *X-Ray Spectrometry*, Wiley Online Library.
- Oliveira, Jorge de  
2003 A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano, *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, Ed. Electrónica.
- Oliveira, Jorge de, António Bairinhas, e Cármen Balesteros  
1996 Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán*, 6: 43-61.
- Oliveira, Jorge de, e Sofia Borges  
1998 Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S.Mamede, *Ibn Maruán*, 8: 193-202.
- Pstana, Manuel Inácio  
1984 Arte Rupestre, do conjunto pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro, agora descoberto. *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, 3, Março.
- Pinto, Rui de Serpa  
1932 O abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 5/3: 245-246.
- Santos Junior, Joaquim

1940 Arte Rupestre. En *Actas do I Congresso do Mundo Português / Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal*, vol.1, pp.327-376. Lisboa.

Vasconcellos, José Leite de

1920 Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Pe H.Breuil, *O Arqueólogo Português*, série 1, 24: 56-57.





FIG. 2. Marvão – Abrigo do Sapoio



FIG. 3. Marvão – Abrigo do Sapoio



FIG. 4. Arronches - Abrigo dos Gaivões

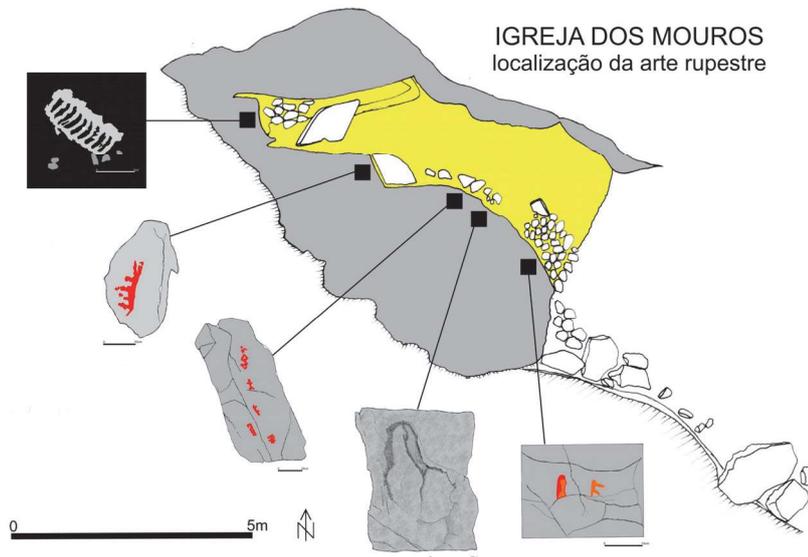


FIG. 5. Arronches - Abrigo da Igreja dos Mouros

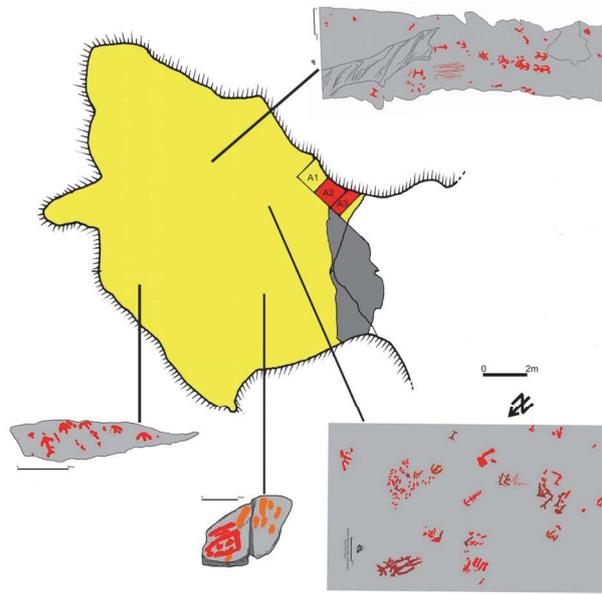


FIG. 6. Arronches - Abrigo Pinho Monteiro

ABRIGO PINHO MONTEIRO - Esperança - Arronches  
LOCALIZAÇÃO DA ARTE RUPESTRE

■ Área escavada em 2010

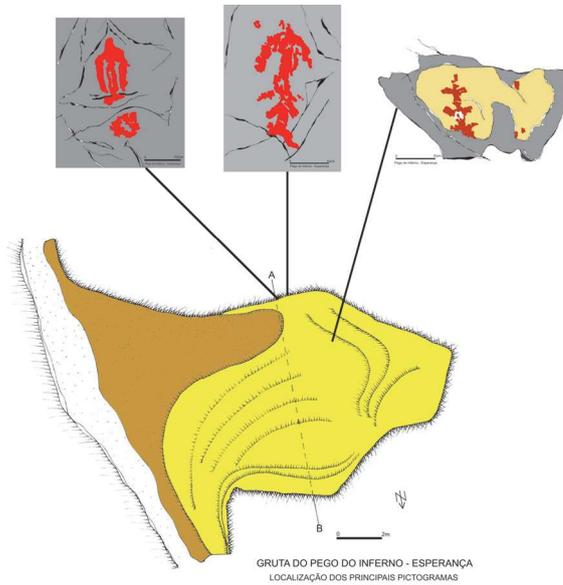


FIG. 7. Arronches – Gruta do Pego do Inferno

GRUTA DO PEGO DO INFERNO - ESPERANÇA  
LOCALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PICTOGRAMAS

FIG. 8. Portalegre – Ermida e Gruta de N.ª Senhora da Lapa

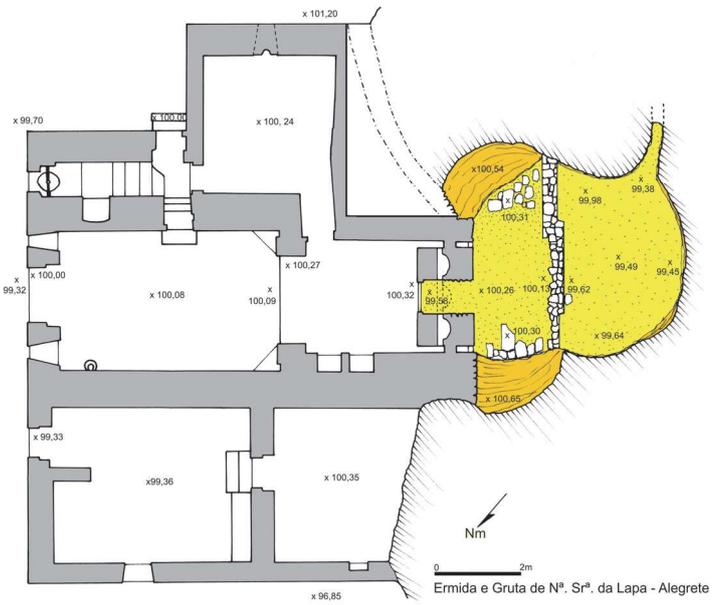


FIG. 9. Portalegre – Ermida e Gruta de N.ª Senhora da Lapa

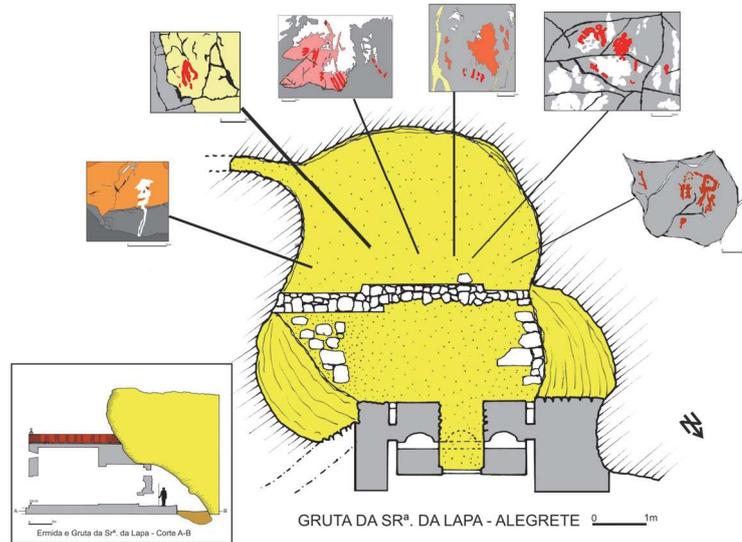




FIG. 10. Marvão – Abrigo do Ninho do Bufo



FIG. 11. Arronches – Abrigo da Igreja dos Mouros – pintura a branco

FIG. 12. Arronches – Abrigo da Igreja dos Mouros escultura antropomórfica



FIG. 13. Arronches – Lapa dos Gaivões



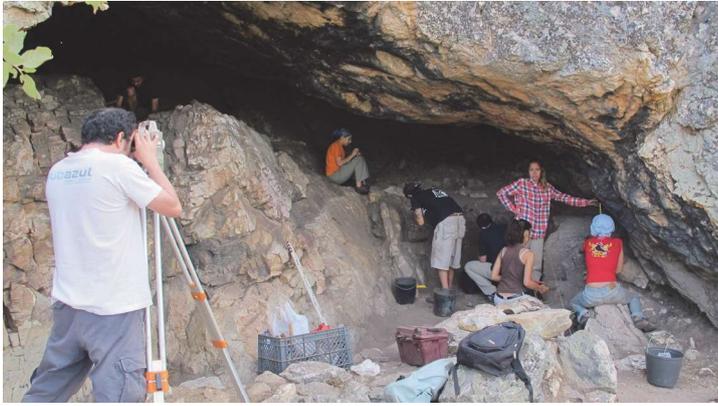


FIG. 14. Arronches – Abrigo Pinho Monteiro – trabalhos de escavação



FIG. 15. Arronches – Abrigo Pinho Monteiro – micro lamela

